

# O VÔO DA “NOVA ÁGUIA” PARA UMA GLOBALIZAÇÃO ALTERNATIVA – UMA CONVERSA COM O FILÓSOFO, ESTUDIOSO DA CULTURA LUSÓFONA, ESCRITOR E DIRETOR DA REVISTA NOVA ÁGUIA, PAULO BORGES

[http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p193-208\\*](http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v13i24p193-208)

Por Roberta Ferraz<sup>1</sup>

Paulo Borges (Lisboa, 1959) é professor de Filosofia na Universidade de Lisboa. Publicou as seguintes obras: Poesia – *Trespasse* (1985), *Capital* (1988), *Ronda da Folia Adamantina* (1992); Ficção – *Línguas de Fogo. Paixão, Morte e Iluminação de Agostinho da Silva* (2006); Teatro – *Folia. Mistério de Pentecostes em três actos* (2007); Aforismos – *A Cada Instante Estamos A Tempo De Nunca Haver Nascido* (2008); Ensaio filosófico – *A Plenificação da História em Padre António Vieira. Estudo sobre a ideia de Quinto Império na “Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício”* (1995), *Do Finistérreo Pensar* (2001), *Pensamento Atlântico* (2002), *O Budismo e a Natureza da Mente* (com Matthieu Ricard e Carlos João Correia, 2005), *Agostinho da Silva. Uma*

\* Publicada originalmente no v. 1, n. 1, jun/2009:

<https://www.revistas.usp.br/desassossego/issue/view/3959>

DOI original: <https://doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v1i1p245-258>

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

*Antologia* (Lisboa, Âncora Editora, 2006), *Tempos de Ser Deus. A espiritualidade ecuménica de Agostinho da Silva* (2006), *O Buda e o Budismo no Ocidente e na Cultura Portuguesa* (organizador, com Duarte Braga, 2007), *Princípio e Manifestação. Metafísica e Teologia da Origem em Teixeira de Pascoaes* (2008), *A Pedra, a Estátua e a Montanha. O Quinto Império em Padre António Vieira* (2008), *O Jogo do Mundo. Ensaio sobre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa* (2008). Tradutor de livros budistas e coordenador da edição das *Obras* de Agostinho da Silva. Membro da Comissão Organizadora das visitas de S.S. o Dalai-Lama a Portugal e tradutor-intérprete dos seus ensinamentos. Presidente da Comissão das Comemorações do Centenário do Nascimento de Agostinho da Silva. Sócio-fundador e membro da Direcção do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Membro da Academia Brasileira de Filosofia. Co-Director da Revista "Nova Águia". Presidente da União Budista Portuguesa, da Associação Agostinho da Silva e do Movimento Internacional Lusófono.

<<http://www.pauloborges.net/>>

<<http://serpenteemplumada.blogspot.com/>>

**ROBERTA FERRAZ:** Paulo, como você é filósofo de formação, eu gostaria de iniciar essa conversa com um assunto que parece assumir uma presença forte na cultura portuguesa, que é o vínculo que esta estabelece com o estudo da filosofia. Ou seja, parece-me que o estudo da filosofia em Portugal está muito atrelado ao refletir sobre a cultura e a literatura portuguesas. Em sua tese de Doutorado, por exemplo, você estudou Teixeira de Pascoaes. Gostaria que você comentasse um pouco sobre esse vínculo existente entre os estudos culturais e o exercício da filosofia numa certa tradição do pensamento português.

**PAULO BORGES:** Por um lado, o meu trabalho tem como proposta pensar filosoficamente a cultura portuguesa, a sua poesia e literatura. Por outro lado, de fato, verifica-se que os pensadores portugueses mais originais, sobretudo no final do século XIX, ao longo do século XX e chegando ao século XXI, têm, todos eles, relações com a poesia e com a literatura portuguesas. Penso que em Portugal, sobretudo nos séculos XIX e XX, a filosofia procurou se reaproximar de suas origens, na medida em que, nas origens do próprio pensar filosófico, há a relação com as demais faculdades humanas, que vão além da razão, como a intuição, a imaginação, etc. Vejo

pois nisto a permanência ou o ressurgimento no pensamento português contemporâneo de uma experiência originária que foi da própria filosofia universal, a relação com a poesia, com o mito.

*RF:* Como nasceu o projeto da *Nova Águia* e como tem sido a sua recepção em Portugal e nos demais países de língua portuguesa?

*PB:* Tudo teve origem em 2006, quando nós organizamos as comemorações do centenário de nascimento de Agostinho da Silva, e a projeção desse acontecimento ultrapassou as nossas melhores expectativas, com solicitações em Portugal, no Brasil, em todo o mundo lusófono e mesmo fora dele, na Espanha, França, Canadá, África do Sul. Nós sentimos que havia uma grande receptividade para com a idéia de Portugal e do mundo lusófono tal como fora formulada pelo Prof. Agostinho da Silva. E isso nos fez sentir que estavam erguidas as condições para relançarmos um projeto, que visasse refletir a partir da origem, quer Portugal, quer a própria Comunidade Lusófona ou até o próprio mundo. Pareceu-nos que Portugal, neste início do século XXI, encontrava-se numa situação bastante semelhante àquela do início do século XX.

*RF:* “O momento genesíaco e caótico”, como o disse Teixeira de Pascoaes, no editorial do 1º número da 2ª série da revista *A Águia*?

*PB:* Genesíaco e caótico, exato. Portanto, a situação deste início do século nós sentimos como semelhante àquele contexto quando surgiu o movimento da Renascença Portuguesa e a revista *A Águia*, dirigida pelo Pascoaes e onde colaborou o Pessoa, o Agostinho da Silva e muitos outros. Foi daí que nasceu esta idéia, que visa repensar a partir da origem o sentido da cultura portuguesa, que não é possível de ser isolada da cultura lusófona como um todo. Pensar, a partir da origem, o sentido, as potencialidades, a vocação, quer de Portugal, quer da Comunidade Lusófona, como contributo para um mundo diferente, para uma globalização alternativa. Temos já publicado o 1º número e temos já quase pronto o 2º número da revista, que será lançado em Outubro e Novembro em Lisboa, num congresso dedicado aos 400 anos do nascimento do Padre António Vieira, e as reações têm sido as melhores, uma vez mais superando nossas melhores expectativas. Este número inaugural está praticamente esgotado, multiplicaram-se os lançamentos, uma vez que

em Portugal já foram mais de 30. Agora estamos aqui no Brasil, onde foi lançada em São Paulo e será apresentada também em Belo Horizonte e Recife. Em breve iremos também à Galiza.

*RF:* Você poderia falar um pouco mais sobre a idéia do “mundo lusófono tal como fora formulado pelo Agostinho da Silva”?

*PB:* Em Agostinho da Silva a idéia de Portugal e do mundo lusófono é fundamentalmente a de um espaço espiritual, mental e afetivo, mas também sócio-cultural, onde se superem as oposições e conflitos que separam e dividem as culturas, civilizações e religiões e que assim, junto com outros contributos planetários, possa convergir para um renascimento planetário alternativo ao esgotamento do ainda predominante paradigma civilizacional, produtivista, consumista, tecnocrático e bélico.

*RF:* Há intenções de lançar a revista também na África e nos demais países da comunidade lusófona?

*PB:* Sim, e visando essa ampla participação criamos o MIL – Movimento Internacional Lusófono – que pretendemos que seja uma continuação do movimento da Renascença Portuguesa. Há cerca de 700 adesões de todos os países da Comunidade Lusófona e fora de Portugal, de estrangeiros de todo o mundo, pessoas de outros países, como a Alemanha, a Itália, a França, que são lusófonos e lusófilos, que prezam e estudam a cultura lusófona. Então, de fato, há já muitos colaboradores e muitos aderentes em África, para onde queremos ir, em breve, fazer algum lançamento.

*RF:* Outro traço marcante da cultura portuguesa é, creio, a importância que as revistas literárias e revistas culturais assumem na mobilização e na reflexão sobre Portugal. Entre, então, *A Águia* e a *Nova Águia*, haveria um traçado de linhagem de periódicos que tenham relações diretas ou indiretas com as propostas aguilistas?

*PB:* A *Nova Águia* pretende assumir uma tradição, que é uma tradição muito importante. Em Portugal os grandes movimentos culturais, estéticos e de reforma das mentalidades sempre surgiram em torno de revistas, que marcaram seus momentos, mesmo que elas tivessem uma duração muito

curta, como foi o caso do *Orpheu*. Nós, ao chamarmos a revista de *Nova Águia*, como dizemos no Manifesto, não queremos apenas reencontrar a tradição d' *A Águia*, mas de todas as revistas que a seguiram e que, de algum modo, se tornaram possíveis devido a uma relação com *A Águia*, mesmo que seja uma relação, muitas vezes, de afastamento, crítica e oposição. Pensamos então na tradição legada pelo *Orpheu*, *Seara Nova*, *Presença*, entre outras. Nós hoje pensamos que está ultrapassada aquela polêmica entre Teixeira de Pascoaes e António Sérgio, entre *A Águia* e a *Seara Nova*. Nós queremos, com a *Nova Águia*, contribuir para reconciliar Pascoaes e António Sérgio, e simbolicamente reconciliar uma visão mais idealista de Portugal e do mundo a uma visão mais realista, ou seja, uma visão mais poética e filosófica com outra mais sociológica. Nós acreditamos que podemos unir essas duas vertentes.

*RF*: Quais são, a seu ver, os principais desafios que envolvem a criação de uma revista cultural em Portugal, na atualidade?

*PB*: São os desafios de sempre, agravados pela contemporânea proliferação de distrações, espetáculos entorpecentes das mentes, preocupações com a luta pela sobrevivência, imediatismo e falta ou indisponibilidade de tempo para ler e refletir sobre as grandes questões que intemporalmente se colocam a todo o homem, como o sentido da sua vida individual e coletiva.

*RF*: Pensando também na revista *Nova Renascença*, vemos que vários nomes que nela colaboraram estão agora no Conselho de Direção da *Nova Águia*. Além do vínculo explícito existente entre esses dois projetos, podemos também notar algumas diferenças. Não há, por exemplo, na *Nova Águia*, a defesa da cidade do Porto e da região Norte, como eixos matriciais da cultura portuguesa, contra uma percepção de Lisboa tida como estrangeirada e decadente. Muito da recuperação do imaginário mítico trabalhado na *Nova Renascença* acaba por ceder a afirmações identitárias regionais, em detrimento de outras, e, dessa forma, comprometendo o postulado de um alcance lusófono. O que você acha? Quais as proximidades que podem ser vistas em ambos os projetos e quais suas diferenças?

*PB*: A *Nova Renascença* foi para nós um marco importante. Fui muito amigo e admirador do Prof. José Augusto Seabra, com quem tive excelentes relações. A *Nova Renascença* foi um relançamento do espírito d' *A Águia*,

mas, de fato, a *Nova Águia* pretende superar de uma vez por todas essa bipartição cultural existente em Portugal entre o Norte e o Sul. Nós também não subscrevemos completamente a idéia do próprio Pascoaes, para quem as forças genesíacas e criativas da Nação estariam na Galiza e no Norte de Portugal. Nós, quando falamos em Portugal, falamos como um todo, respeitando as diferenças das regiões, e, portanto, a existência de diferentes sensibilidades e mentalidades. Nós acreditamos que a partir do momento em que Portugal se universalizou, com os Descobrimentos, entrou num processo de diáspora que fez dele mais do que seu território e suas regiões. Portugal hoje tornou-se planetário e portanto não nos faz sentido falar de um Portugal do Norte e um Portugal do Sul. Falamos de um Portugal planetário cuja melhor expressão, hoje, seria a própria Comunidade Lusófona, ou seja, um Portugal que se transcendeu a si próprio. E que, como dizia o Agostinho da Silva, de algum modo realizou as suas melhores potencialidades, por exemplo, em África, no Oriente e no Brasil. As potencialidades de convivência e miscigenação. Quando nós falamos na Comunidade Lusófona, falamos nela como um todo, pensando-a numa totalidade sem destacar esta ou aquela nação.

*RF:* Esse imaginário mítico, que agora é resgatado visando a sua própria transcendência, na ultrapassagem de si mesmo, foi, como sabemos, usado, durante o período salazarista, como veículo e sustentáculo de uma política ideológica autoritária. Eu imagino que essa revalorização, esse resgate de uma tradição mítica, deva comportar diversas polêmicas no seio do debate sobre a cultura portuguesa contemporânea. Como se dá isso, em relação à *Nova Águia*?

*PB:* Como nós sabemos, todo imaginário mítico é suscetível de ser utilizado das formas mais diversas. Pode ser utilizado para se fazer dele um discurso que legitime um determinado regime político de opressão, mas também se pode ver nele um imaginário de libertação. A proposta da *Nova Águia* é de recuperar o imaginário mítico português, procurando nele aquilo que pode ser entendido e assumido como projeto de libertação. Aliás, tenho feito algumas palestras sobre isso, além de ter trabalhado em meus livros, em que mostro como a própria etimologia da palavra 'Lusitânia', no grego e no latim, remete-nos à idéia de "liberdade", de "libertação". Podemos fazer essa leitura do nosso imaginário mítico. E é isso o que procuramos fazer, quando não rejeitamos temas como a Saudade, o Sebastianismo, a figura do Rei

Encoberto. Mas, para nós, isso hoje deve ser reinterpretado. Por exemplo, o Encoberto não é necessariamente D. Sebastião, não é necessariamente um redentor, um messias político ou religioso. O Encoberto, como muito dos nossos filósofos têm visto – como Sampaio Bruno, José Marinho, Fernando Pessoa – pode ser visto como cada um de nós próprios, entendido como uma dimensão nossa, a mais autêntica e mais profunda e oculta que há dentro de cada ser humano. Portanto, o mito do Encoberto que há de vir e de quem estamos à espera, pode ser o mito acerca de cada um de nós próprios, um discurso acerca de nossa realidade profunda, que haveria que assumir, conhecer e libertar. E nós aí seguimos muito o pensamento do Prof. Agostinho da Silva, que de fato fez uma leitura do imaginário mítico português no sentido de libertação e nada no sentido tradicional de justificativa da opressão como aconteceu durante a ditadura salazarista.

*RF:* A tríade do pensamento lusófono, para a *Nova Águia*, consiste em Pascoaes, Pessoa e Agostinho da Silva. Já para *Nova Renascença*, a tríade mito-poética seria formada por Camões, Pascoaes e Pessoa. Além dos dois autores que participaram d'*A Águia*, que sentido teria essa grande mudança do eixo, de Camões para Agostinho?

*PB:* Nós temos salientado na revista mais as figuras de Pascoaes, Pessoa e Agostinho da Silva, embora sem rejeitarmos outros autores importantes, fundamentalmente Camões e o Padre António Vieira. Aliás, para nós o imaginário do Quinto Império é importante e ele surge a primeira vez implicitamente em Camões, depois como sabemos é muito desenvolvido no Padre António Vieira. Acrescento ainda, ao que disse há pouco, que para nós o Quinto Império também faz parte de um imaginário de libertação. Este mito está muito fundado na profecia do livro de Daniel, em que este profeta interpreta um sonho do rei assírio Nabucodonosor. E o que o rei vê é uma estátua composta de quatro metais, e depois há uma pedra que surge sem que ninguém a lance, bate contra a estátua e a pulveriza. Esta pedra então converte-se em uma montanha, que enche a terra inteira. Basta ver, como viram aliás os antigos hebreus, que a narrativa é simbólica de um processo de libertação. A estátua simboliza os poderes deste mundo, de ordem mental ou política, e a pedra simboliza aquela força divina que há dentro do homem, o próprio Messias oculto dentro de cada homem, e que viria deitar por terra essa estrutura opressiva. Portanto, o Quinto Império pode ser visto

como um império de poder, mas também como um império da liberdade. Nós nos apoiamos mais em Pascoaes, Pessoa e Agostinho da Silva porque, mais perto de nós, foram pessoas que, no século XX, pensaram Portugal e pensaram a lusofonia – sobretudo Agostinho da Silva – com mensagens mais próximas do nosso tempo.

*RF:* Ainda sobre a materialidade da *Nova Águia*, qual foi a tiragem deste primeiro número, como tem se dado a distribuição e o sistema de assinaturas da revista? Como o leitor dos demais países de língua portuguesa pode vir a assiná-la, ou seja, como a revista pretende ser comercializada fora do espaço geográfico de Portugal?

*PB:* A tiragem, já esgotada, foi de 2000 exemplares e será agora aumentada. A revista é vendida por todo o país, nas principais livrarias. As assinaturas podem ser feitas pela internet – <<http://www.zefiro.pt/novaaguia>> – ou pelo correio: Zéfiro, Apartado 21, 2711-953 Sintra, Portugal.

*RF:* O próximo número da revista, que, pelo que vi, deve sair agora em novembro, tem como tema o Padre Vieira. Quais os motivos que levaram à escolha da publicação por edições temáticas?

*PB:* A revista não se esgota nos temas, tendo sempre textos sobre outros assuntos, mas as edições temáticas têm a vantagem de concentrar as colaborações e a atenção dos leitores em cadernos que focam questões fundamentais e actuais, como acontece agora com as comemorações dos 400 anos do nascimento do Padre António Vieira.

*RF:* Sobre a postura editorial da *Nova Águia*, mostrada em seu primeiro número, bem como em seu *Manifesto*, pergunto: a escolha dos textos publicados pauta-se diretamente pelos pontos editoriais? Como foram seleccionados os textos e os autores participantes?

*PB:* Os critérios de seleção obedecem à linha editorial que definimos, em termos de temas privilegiados, mas sobretudo à qualidade dos textos enviados, que pode determinar a sua publicação mesmo que os seus temas sejam diversos. Em qualquer dos casos, a pluralidade de perspectivas é desejada e bem vinda.

RF: Conforme pude verificar, através do Portal do Governo Português, na Internet, e do *Dicionário Temático da Lusofonia*, publicado em 2005, há, desde 1989, com a criação do IILP (Instituto Internacional de Língua Portuguesa), uma trajetória cultural e política de afirmação da língua portuguesa nos âmbitos nacionais e internacionais. Parece que uma primeira elaboração daquilo que hoje é lusofonia surgiu em 1902, com Silvio Romero, quando ele falou, numa palestra intitulada “O Elemento Português”, de um bloco de união da língua... Depois, do IILP, surge em 1996 a CPLP, além de diversos outros agrupamentos inseridos nesta proposta (como a UCCLA, a AULP, o IPAD, etc). Notamos que as associações que têm como finalidade pensar a lusofonia não só estão crescendo no âmbito das instituições oficiais, como também proliferam em outras formas de agrupamento, em blogs, sites, revistas, colóquios, simpósios, etc. Apesar disso, e aqui elaboro a minha questão, pude observar que grande parte da crítica feita à CPLP, ao IILP e às demais associações reclama de um “excesso de abstração” e de uma “inércia de resultados”. Como você vê o esforço pró-lusofonia nesses níveis institucionais e oficiais?

PB: Estamos num momento oportuno em que a nível governamental se assiste a uma nítida e crescente aposta numa política cultural de valorização e desenvolvimento da lusofonia, que – o que só peca por ser tardio – começa a ser descoberta como uma mais-valia a todos os níveis, do cultural ao político e econômico. Consideramos esta nova orientação do nosso governo com muita simpatia e esforçamo-nos por que isso se traduza também numa CPLP mais activa a nível internacional. É chegado o momento de afirmar sem complexos a língua portuguesa no mundo, com todos os valores culturais que são inerentes à cultura e às culturas lusófonas.

RF: Em 2002, após ser indagado, no jornal *Le Monde*, sobre sua leitura da lusofonia, Antonio Tabuchi afirmou que a lusofonia é suspeita, “*pelo fato de Portugal, tendo perdido o seu império e as suas colônias, encontrar nela um terreno fértil para uma invenção meta-histórica como esta, que funciona como sucedâneo, no imaginário coletivo*”. Esta opinião é bem próxima daquela de Alfredo Margarido, em seu livro *A Lusofonia e os Lusófonos: Novos Mitos Portugueses*. Como você compreende essa leitura crítica e como a *Nova Águia* pretende transformar essa compreensão ainda muito presente na leitura da lusofonia?



materialismo grosseiro. Temos que aproveitar os recursos tecnológicos, a sua capacidade de comunicação global, passando uma mensagem de caráter ético e espiritual que desperte os seres humanos para o sentido maior de nossa existência que não se esgota na busca pelo poder ou riqueza material. Nesse sentido, pode-se dizer que há uma idéia romântica no nosso movimento, embora ele também se queira bem adaptado às necessidades reais do mundo contemporâneo...

*RF:* E como pode ser vista a integração de Portugal na União Européia? Podemos pensar na cultura portuguesa ali atuante como portadora dessa mensagem de um outro paradigma civilizacional?

*PB:* Eu penso que sim. Por um lado penso que a própria Europa e boa parte de todo mundo procura hoje um outro paradigma. Há um novo surto, uma nova vaga de interesse pela espiritualidade, pelas religiões, às vezes não por uma ou outra religião, mas pela própria espiritualidade em si, livres de seus dogmatismos e doutrinas. Por outro lado, de fato, no que respeita a Portugal e à Comunidade Lusófona, nós sentimos que os nossos grandes autores – Camões, Vieira, Pascoaes, Pessoa, Agostinho da Silva e muitos outros – têm essa mensagem ética e espiritual, fundadora de outro paradigma cultural e civilizacional, em que o mais importante não é o domínio do mundo exterior, mas a descoberta de quem somos, o despertar da consciência. Dar a conhecer essa mensagem à Europa e ao mundo, vai pois muito ao encontro da cultura tradicional mais funda e esquecida dos europeus e das pessoas de todo o mundo. E, de fato, tem-se verificado isso. Eu, por exemplo, enquanto orientador de vários alunos de pós-graduação tenho tido contato com muitos estrangeiros que procuram Portugal e que se interessam cada vez mais por autores portugueses. Nota-se que na Alemanha, França, Itália e Espanha – para citar os casos mais evidentes – há um grande interesse pela cultura portuguesa e pela alternativa que o pensamento português representa em relação ao pensamento europeu dominante, muito racionalizado e conceptual, com pouca abertura para as possibilidades lúdicas, poéticas e sagradas da vida.

*RF:* Lembro-me da maneira como o pensador francês Gilbert Durand agrega os mitemas do imaginário português num sentido de “paixão pelo além”...



circulação entre todos os cidadãos das nações lusófonas. Que se desse, de poucos em poucos passos, a possibilidade do trânsito livre de todos os cidadãos lusófonos pelo próprio espaço lusófono. Trata-se de um passo importante para nos assumirmos como uma potência não só cultural e lingüística, mas também social e econômica. Criarmos uma cidadania lusófona, já que existe uma cultura e uma identidade lusófonas. E assim aproximarmos as nossas nações a nível social, político e econômico. Aqui é também importante dizer que o projeto *Nova Águia* está nas mãos de todos aqueles que se interessarem por ele. O projeto nasceu em Portugal, mas é e se quer do Brasil, da lusofonia e do mundo.

*RF:* E nisso consiste, a seu ver, a importância do acordo ortográfico?

*PB:* Sim. Nós compreendemos algumas reservas por parte dos cultores da língua portuguesa em relação a alguns dos aspectos do acordo. Mas sabemos que as vantagens do acordo são muito mais amplas, sobretudo se nós pensarmos em termos de uma visão estratégica, de uma política cultural. É extremamente importante para que se sedimentem e reforcem os laços da Comunidade Lusófona, para que, também, a lusofonia surja, a nível internacional, como uma entidade única, com uma imagem de unidade.

*RF:* Você tem três livros de poesia publicados e um romance, *Línguas de Fogo*. O exercício da literatura é também uma experiência constante em sua busca?

*PB:* A primeira fase de minha obra foi, sobretudo, poética. Digamos que a poesia foi aquela forma de expressão que me surgiu mais naturalmente em função das minhas vivências e experiências profundas e também da minha relação com a cultura portuguesa. Depois disso surgiu uma fase em que predominou o ensaio filosófico. Mas, nos intervalos desses ensaios, quando a mente fica menos lógico-conceitual e mais intuitiva, sempre continuei a escrever poesia. Tenho alguma poesia inédita que ainda não tive a oportunidade de reler para publicar. Mas, entre uma coisa e outra, entre a poesia e a filosofia, surgiu, de fato, por ocasião das comemorações do centenário do Agostinho da Silva, o romance. Ele foi uma forma de dar expressão a duas vertentes que se uniram ao longo de minha vida. Por um lado, a minha relação com o Prof. Agostinho da Silva, e por outro, minha relação espiritual mais pessoal com o budismo tibetano. Aconteceu que,



*PB:* Neste momento não tenho tido grande oportunidade para acompanhar a poesia portuguesa contemporânea. Mas há alguns autores – embora quase nenhum deles esteja vivo - que me marcaram mais, como António Patrício, Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa, Sophia de Mello Breyner, Agustina Bessa-Luís, Vergílio Ferreira, Herberto Helder. Neste momento estou a descobrir a obra do Casimiro de Brito, com a qual tenho bastante afinidade; e devo referir amigos meus, que tenho acompanhado e me acompanham ao longo do tempo, como Francisco Palma Dias, poeta, e Antonio Candido Franco, romancista e poeta também. Há um outro amigo meu que também valorizo bastante, ensaísta e romancista, além de dramaturgo, o Miguel Real; está atualmente com uma peça montada sobre o Padre António Vieira. Também me interessa muito a obra de Maria Gabriela Llansol, até pela sua relação com a tradição da mística renano-flamenga, das beguinhas. Em relação a outros mais recentes, não tive a oportunidade de os ler com atenção. Tenho naturalmente muitas referências fora da literatura portuguesa: Hölderlin, Rilke, Pascal Quignard e muitos outros.

*RF:* Em sua palestra “Fernando Pessoa, filosofia, criação e ilusão”, proferida em São Paulo, no último dia 23 de agosto, você ressaltou o vínculo existente e ainda pouco investigado, entre a obra de Pascoaes e Pessoa. Pode comentar um pouco mais sobre essa relação?

*PB:* Essa é, de fato, uma questão muito importante. Publiquei um livro que se chama *O Jogo do Mundo. Ensaios sobre Teixeira de Pascoaes e Fernando Pessoa*, onde tento mostrar que há, de fato, uma grande afinidade entre as duas visões do mundo: a visão do mundo como um jogo, como uma ‘i-lusão’, quer no sentido do engano, quer no sentido do jogo, de uma fantasia criadora. Ou seja, a visão de que as coisas são e não são simultaneamente, uma visão muito próxima até da Física Quântica atual. A visão de que a realidade é percebida em função do modo como a pensamos e que, portanto, é suscetível de ser transfigurada. Se nós pensarmos a nós e ao mundo de uma forma diferente, o mundo é outro e nós somos outros. Tudo isto está tanto em Pascoaes, quanto em Pessoa. Apesar de num primeiro momento o Pessoa ter estado próximo de Pascoaes e da geração da Renascença Portuguesa, além de ter feito a primeira leitura do sentido dessa poesia, nos ensaios sobre “A Nova Poesia Portuguesa”, sabemos que depois ele se

afastou e que a própria criação do heterônimo Alberto Caeiro é, de algum modo, uma reação contra essa poesia mística e espiritualista. Mas o fato é que o Fernando Pessoa ortônimo e o Bernardo Soares, ao longo de sua obra, mantêm uma visão do mundo que é muito próxima da visão do Pascoaes, muito próxima da visão dos poetas saudosistas, sobretudo no que diz respeito a essa impossibilidade de separarmos o sonho e a realidade, onde o mundo pode ser visto como um sonho ou jogo de ficção. É o momento de começarmos a estudar comparativamente Pascoaes e Pessoa e vermos que não se afastavam tanto quanto eles próprios pensavam. Porque nós sabemos que o Pascoaes desconsiderou o Pessoa como poeta e vice-versa, ou seja, criticaram-se um ao outro, mas as obras vão sempre mais além do que aquilo que os autores pensam acerca delas. As obras de um e de outro os aproximam mais do que separam. Penso haver já um espaço de debate neste sentido, como por exemplo a tese de doutorado já publicada de António Cândido Franco, chamada *A literatura de Teixeira de Pascoaes*, onde ele mostra que Pascoaes não é só o escritor saudosista e romântico, mas é também um escritor com aspectos modernistas, e que, neste sentido, não está aquém de Fernando Pessoa. Mas penso que ainda há muito por fazer, porque, na Academia, nas 'Histórias' da cultura e literatura portuguesa ainda há aqueles rótulos fáceis que identificam Pascoaes como saudosista e Pessoa como modernista.

Licença: 

Concepção e realização da entrevista:

Roberta Ferraz

Doutora e mestra egressa do Programa de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa da Universidade de São Paulo.

Contato: [robertafferraz@hotmail.com](mailto:robertafferraz@hotmail.com)